

## **Lex Talionis**

João Paulo PALITOT  
Wendel Wagner dos SANTOS  
Universidade Federal da Paraíba, PB

### **RESUMO**

Este relatório trata sobre a pesquisa realizada e diário de gravações do curta metragem Lex Talionis, que foi rodado na cidade de João Pessoa como conclusão de curso dos alunos João Paulo Palitot e Wendel Wagner. Utilizando o autor russo Sergei Eisenstein com a teoria da edição rítmica, o filme contou com uma trilha musical complementando a falta de vozes dos atores em cena. Trabalhando o ritmo com a imagem tentamos criar um vídeo que inova na linguagem utilizada além de utilizar o espaço urbano, fugindo dos temas regionais que exploram a seca e fome do sertão nordestino.

**PALAVRAS-CHAVE:** vingança; lei de talião; João pessoa; curta metragem.

### **1. INTRODUÇÃO**

Este projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consiste na criação de um curta-metragem intitulado “Lex Talionis”. O cinema é uma das formas mais eficazes para se representar a realidade, comparado até como uma “fábrica de sonhos”. Realizar um curta-metragem significa promover ao público sentimentos, como raiva, angústia, medo, alegria, prazer ou frustração.

O curta-metragem que desenvolvemos neste projeto conta a história de uma mulher que assume a identidade falsa de uma prostituta para se infiltrar no mundo do crime e executar a sua vingança. Ela planeja matar um poderoso homem, mandante do crime que resultou na morte de um ente querido. Durante o desenvolver da trama, a personagem contará com a ajuda de seu amante e assassino de aluguel.

O roteiro da obra é original, escrito por um dos autores deste projeto, João Paulo Palitot. A edição do curta é baseada na estética das obras e dos estudos do cineasta soviético Sergei Eisenstein, que pertenceu ao movimento de arte vanguardista russo, no século XIX. “Lex Talionis” é um filme mudo, onde damos ênfase à montagem rítmica, através de uma trilha sonora original feita pela banda paraibana Mustache On Fire.

A disposição estética usada na composição do filme adota o “kitsch” como elemento predominante. Popularmente conhecido como a “estética do mau gosto” e que teve o seu apogeu com a indústria cultural e na produção de massas com as formulações dos críticos Theodor Adorno (1903 – 1969), Hermann Broch (1886 – 1951) e Clement Greenberg (1909 – 1994), o “kitsch” pode ser definido como uma oposição à arte moderna e de vanguarda. O “kitsch” aparece materializado no filme na direção de arte dos dois ambientes em que se transcorrem as ações: numa sala onde predomina a cor vermelha, cabeças de javalis, caveiras e tecidos/tapetes com texturas de onças emprestam uma aura visualmente exagerada; num ambiente ermo, vemos canos estourados, paredes sujas e uma espécie de versão “over” da sujeira.

O curta tem 17 minutos, foi rodado na cidade de João Pessoa, mais precisamente no Jardim Botânico da cidade; num açougue localizado no Mercado Central do bairro de Mangabeira; na Fábrica Matarazzo (atualmente abandonada), no centro de João Pessoa e numa casa localizada no bairro do Cabo Branco. A direção é de João Paulo Palitot, que também assina o roteiro, direção de arte, direção de fotografia e edição/finalização. O graduando Wendel Wagner é responsável pela produção do curta.

## 2. JUSTIFICATIVA

Este curta metragem se justifica por criar um contraponto à produção de cinema realizada na Paraíba atualmente. Percebemos que há um forte eixo temático em torno de assuntos ligados ao regionalismo e à cultura nordestina, como podemos perceber em “A Árvore da Miséria”, de Marcos Villar; “Passadouro”, de Torquato Joel; “Olhar Particular”, de Paulo Roberto e “Travessia”, de Kennel Rogis. A nossa tentativa foi a de realizar uma obra com forte apelo pop e texturas temáticas que priorizem a violência estetizada e a aparição de personagens pouco usuais na cinematografia regional.

Justifica-se também a estética “vintage” (antiga) que adotamos no filme. Em pleno ano 2013, reconhecemos filmes referenciando obras de ficção antigas e sem muito aparato tecnológico. O que antigamente era uma falha técnica ou falta de recursos é visto hoje em dia como um estilo. Este conjunto de filmes que eram criados sem muitos recursos financeiros ganhou o rótulo de “Filmes B”, dos anos 70 e 80, que eram, em geral, mal gravados por falta de dinheiro e por isso, seus diretores investiam em nudez e sangue para chamar a atenção do público. A nossa ideia foi uma reapropriação desta estética no nosso curta.

Com o passar dos anos, alguns jovens influenciados pelo estilo, acabaram se tornando renomados diretores comerciais, como é o caso de Robert Rodriguez (“Um Drink no Inferno” e “Planeta Terror”) e Quentin Tarantino (“À Prova de Morte” e “Kill Bill”), que utilizam técnicas ligeiramente “ultrapassadas” a favor de uma estética ancorada no precário e na gratuidade da violência. O envelhecimento da película, por exemplo, é feito através de correções visuais na pós-produção e os erros de gravação são calculados para parecer que foram feitos há anos.

Vendo que no Brasil esse tipo de filme foi pouco produzido e como entusiastas do “Cinema B” e dos diretores acima citados, utilizamos o conhecimento aprendido na universidade para executar as fases da produção de um filme. Como diferencial, não utilizamos o som dos diálogos registrados em cena. Utilizamos uma trilha sonora original com várias nuances e mudanças de ritmos.

### 3. OBJETO DE ESTUDO

#### 3.1. Fundamentação Teórica

Segundo Baudrillard (1991), o consumo se tornou uma linguagem na qual a sociedade se comunica. O consumo cinematográfico é, portanto, uma das formas mais usuais da relação entre indivíduos e a cultura audiovisual. Toda produção audiovisual adota uma estética e, por isso, durante a produção do curta metragem, utilizamos a estética kitsch, desconstruímos a violência e o crime, trazendo uma veia grotesca, para estabelecer um contato visual com os espectadores apreciadores destas formas narrativas.

Pretendemos chamar a atenção dos espectadores e inseri-los na narrativa. A tentativa é colocar os indivíduos num jogo de narrativa, violência, humor e ironia. Cada elemento desses foi pensado para provocar diferentes sensações no público. Com o uso moderado do grotesco, pretendemos direcionar as percepções de quem assiste ao filme, sem deixar de lado a narrativa repleta de flashbacks e dúvidas a serem respondidas no decorrer do filme.

Para essa narrativa nos baseamos nas obras e estudos do cineasta soviético Sergei Eisenstein, que pertenceu ao movimento de arte vanguardista russo, no século XIX. Utilizando o livro “A Forma do Filme”, do realizador Eisenstein, abordamos a importância da edição. A trilha sonora original ficou encarregada de passar as sensações em tela para o público.

Se na acústica estas vibrações colaterais se tornam meramente elementos “perturbadores”, essas mesmas vibrações, na música – na composição, se tornam um dos mais significativos meios de causar emoções utilizadas por compositores experimentais do nosso século. (EISENSTEIN, 1949, p. 64)

Assim sendo, a trilha irá atuar como as frases e nuances que ocorrem no produto audiovisual. Eisenstein diz que as vibrações musicais formam um novo conjunto, criam novas sensações. Temos a pretensão de criar sensações que não precisam de falas para significar o mesmo sentimento. Por exemplo, em uma parte do nosso filme, um personagem torturado grita para a tela, mas o som pretendido foi de uma guitarra estridente (em oitavada) para equivaler à sensação de grito.

Filmes brasileiros de ação/terror como “Mangue Negro”, de Rodrigo Aragão ou “Porto dos Mortos”, de Davi de Oliveira Pinheiro, que contêm diálogos com usos de frases de efeito podem soar falsos, sobretudo em função de uma problemática da língua

portuguesa soar estranha quando pronunciada através de tais frases de impacto. Para minimizar problemas como estes, resolvemos colocar os diálogos em legendas e tornar a trilha musical uma parte integrante do filme. Nos seus escritos, Sergei Eisenstein faz referência ao uso da música como um dos elementos fundamentais na estética fílmica.

Como exemplo dessa montagem, citamos a cena conhecida da escadaria no filme “O Encouraçado Potemkin”, em que a marcha dos soldados no áudio está desconectada com o ritmo de corte, dando um forte teor de tensão. O importante para nosso projeto foi criar ambientações de acordo com o que foi mostrado em tela e às vezes corromper esse movimento da mesma forma da cena da escadaria do filme de Eisenstein.

O comprimento real não coincide com o comprimento matematicamente determinado do fragmento de acordo com a fórmula métrica. Aqui seu comprimento prático deriva da especificidade do fragmento, e de seu comprimento planejado de acordo com a estrutura da sequência (EISENSTEIN, 1949, p. 80).

Com relação às cores usadas na direção de arte (cenários e sets), as paletas escolhidas foram de ordens cromáticas quentes. As cores podem transmitir informações através de várias associações como: psicológica, fisiológica e sinestésica. Muitas dessas influências cromáticas são universais, outras estão relacionadas diretamente com a história pessoal, lembranças da infância, inconsciente coletivo. Depois de pesquisas feitas na internet, observamos que a cor vermelha é bastante associada ao poder, vitalidade e ambição. Já a cor amarela representa o luxo e a riqueza. Sensações estas, que propomos a passar durante a desenvolver da narrativa do filme e, por este motivo, adotamos estas matrizes cromáticas na obra.

No set de gravação, no bairro de Cabo Branco, por exemplo, a cor vermelha foi bastante utilizada nos elementos que compunham as cenas, como luzes, tapetes e abajures, além de outros objetos. O vermelho também é a cor das vestimentas da personagem que interpreta uma prostituta em busca de vingança pela morte de um ente querido. É importante observar que ela é a única personagem que faz uso da cor. Os outros utilizam cores neutras, como o preto e o branco. A cor vermelha só volta a aparecer novamente na roupa de outro personagem no final do filme, neste caso esse personagem também está a procura de se vingar pela morte de seu filho, assassinado no decorrer do filme pela prostituta. A nossa intenção foi destacar estes personagens no cenário.

### 3.1.1 Personagens

Para a escolha da personagem principal, que incorpora uma prostituta em busca de vingança por ter perdido um ente querido, foi feito um teste com atrizes e estudantes de teatro. Acabamos por eleger a atriz mexicana Cecília Retamoza, que há pouco tempo voltou a morar no Brasil. A ideia foi desconstruir o estereótipo de atores muitas vezes vistos nas produções locais.

A personagem mais difícil de construir foi a chefe da rede de prostituição e transexual. Queríamos confundir a cabeça do espectador e tratamos de procurar uma mulher que topasse fazer o papel. A busca se deu a partir de redes sociais e demorou mais de dois meses. Encontramos Jana Araújo, atriz paraibana, que já participou como protagonista da peça “Meias Irmãs”, estreada no mês de outubro de 2012. Após conversas, ela aceitou o convite.

O ator que faz o papel de açougueiro e amante da prostituta é Daniel Porpino. Seu personagem foi inspirado na ideia de um videoclipe que iria ser produzido pela banda paraibana “Red Butcher”, onde o açougueiro é um assassino que mata pessoas e comercializa suas carnes, mas devido à falta de dinheiro para o orçamento este argumento foi “reutilizado” no filme “Lex Talionis”. Como já conhecíamos o trabalho do ator, foi fácil escolhê-lo. Ele já trabalhou em peças de teatro como ator e diretor, a exemplo de “Quincas Berro D’água”. Ele também já fez algumas participações em curtas metragens locais, como no filme “Espectro”, que foi produzido na cidade de Cabedelo.

Para o personagem do torturador, interpretado por Omar Brito, nos baseamos no filme “Cães de Aluguel”, do diretor Quentin Tarantino, onde cenas de tortura são muito bem exploradas. Também nos inspiramos para tirar o nome dele no filme “Snatch”, do diretor Guy Richie, onde um personagem costuma matar seus inimigos e alimentar seus porcos de estimação com a carne dos animais.

O ator Vitor Blahm, que interpreta um homem que está sendo torturado, foi escolhido após indicação da atriz Cecília Retamoza. Nós identificamos o personagem do torturado nele após conhecermos a peça de teatro “O Milagre Brasileiro”, que se passa no período ditatorial, onde Vitor sofre tortura psicológica e é obrigado a se alimentar de urina de um oficial militar.

Para interpretar o personagem de um mordomo excêntrico, convidamos nosso amigo Thiago Roese, estudante de jornalismo, que nunca tinha participado de uma

produção cinematográfica. A ideia de convidar Thiago surgiu pelo fato de muitas pessoas da cidade de João Pessoa o acharem “estranho” pelo modo como ele se veste, às vezes com tapetes pelo corpo ou fios de telefone na cabeça. Por último, como precisávamos de um personagem que interpretasse um homem de meia idade, pai da chefe da rede de prostituição, que receberia a notícia de que seu filho estaria morto e juraria vingança, escolhemos Wagner Spagnul, que já fez figuração em alguns filmes paraibanos, como “Matador de Ratos” e “O Plano do Cachorro”, do diretor Arthur Lins.

### 3.1.2 Releituras

Durante a gravação do curta metragem, achamos pertinente trazer à tona cenas em homenagem e referências aos cineastas Quentin Tarantino e Robert Rodriguez (principalmente os filmes “À Prova de Morte” e “Planet Terror”). Na **Figura 1**, se passa uma cena de diversão em que mulheres dirigem um automóvel na estrada. Elas passam por uma curva em que a direção de fotografia colocou a câmera um pouco abaixo da linha média e utilizou boa parte da curva no quadro. Como podemos ver na **Figura 2**, utilizamos um quadro com a mesma semelhança, deixando a câmera um pouco abaixo do eixo médio para mostrar a curva por quase todo o quadro.



*Figura 1 - Death Proof - Tarantino*



*Figura 2 -Lex Talionis – João Paulo Palitot*



*Figura 3 -Kill Bill II – Quentin Tarantino*



*Figura 4 -Lex Talionis – João Paulo Palitot*

Na **Figura 3**, a cena que o *frame* retrata é uma das sequências finais de “Kill Bill 2”, filme de Quentin Tarantino, onde a atriz Uma Thurman chora de felicidade após reencontrar sua filha e finalmente poder viver em paz. O piso do cenário é bem característico de lugares antigos e hotéis de beira de estrada. Para referências a esta cena, como podemos ver na **figura 4**, utilizamos o equipamento grua para fazer o mesmo plano em zenital, mostrando este piso característico.

Utilizando de artifícios conhecidos pelo diretor Quentin Tarantino, a exemplo do plano zenital usando em “Kill Bill”, conhecido também como o plano “God Shot” que faz alusão a um olhar do céu, simulando a visão de Deus. Procuramos evidenciar tais referências por todo o filme.

Para referenciar os filmes de Robert Rodriguez, utilizamos efeitos de filme envelhecido, paletas de cores e uma pequena metalinguagem, onde um pôster do filme “Planeta Terror” aparece no cenário da casa da personagem que interpreta a chefe da rede de prostituição. Buscamos nos inspirar e fazer uma produção voltada a homenagens ao

cinema terror dos anos 70/80. Com uma estética visual remetendo ao gênero “Exploitation”<sup>1</sup> dos anos 70, que primavam pela violência, sexo e assuntos tabus em geral.

Dessa forma o curta metragem “Lex Talionis” usou de artifícios na edição para transformar o vídeo captado pelas câmeras 5D e 7D, ficarem parecidos com uma película velha e mal armazenada. Como vemos na **Figura 5**, no filme “Planeta Terror”, a película foi transformada em aparência falha e antiga. Na **Figura 6**, utilizamos os mesmos processos para envelhecer, mas somando com o “plugin” do “after effects” *Aged Films*, que possui artifícios para danificar a imagem sem perder qualidade.



*Figura 5 -Planeta Terror – Robert Rodriguez 2007*

---

<sup>1</sup> “Grindhouse” é um termo americano que designa uma sala de cinema onde são exibidos projeções de filmes do gênero Exploitation. Com a falta de recurso necessário para se fazer um filme de qualidade, os Exploitations acabavam tendo uma qualidade inferior de película, com arranhões visíveis em tela, cortes bruscos de roteiro pois acontecia de perder alguma parte da película filmada e simplesmente era avançado o filme para a parte que funcionava. Entre outros defeitos que acabaram sendo usados como forma de linguagem audiovisual nos filmes de Robert Rodriguez e Quentin Tarantino.



*Figura 6 - Lex Talionis – João Paulo Palitot*

A cena em que uma stripper é mostrada, fizemos em homenagem ao filme “À Prova de Morte”, de Tarantino, e “Planeta Terror”, de Robert Rodriguez, respectivamente. A cena remete à dança de colo que é prometida à primeira pessoa que convidar uma das amigas da protagonista para tomar um drink específico. No filme do cineasta Tarantino, foi o personagem de Kurt Russel o responsável por fazer tal convite e ganhou uma dança de colo com a música “Down in México”, como podemos ver nas **Figuras 7 e 9**. No filme “Lex Talionis”, como mostram as **Figuras 8 e 10**, temos a atriz Cecília Retamoza, que interpreta uma prostituta, fazendo uma dança para a chefe da rede de prostituição, que fica apenas observando, neutra, sem grandes participações ou interações com a dançarina



Fig

*ura 7 - Death Proof - Quentin  
Tarantino*



*Figura 8 -Lex Talionis – João Paulo Palitot*



*Figura 9 -Death Proof – Quentin Tarantino*



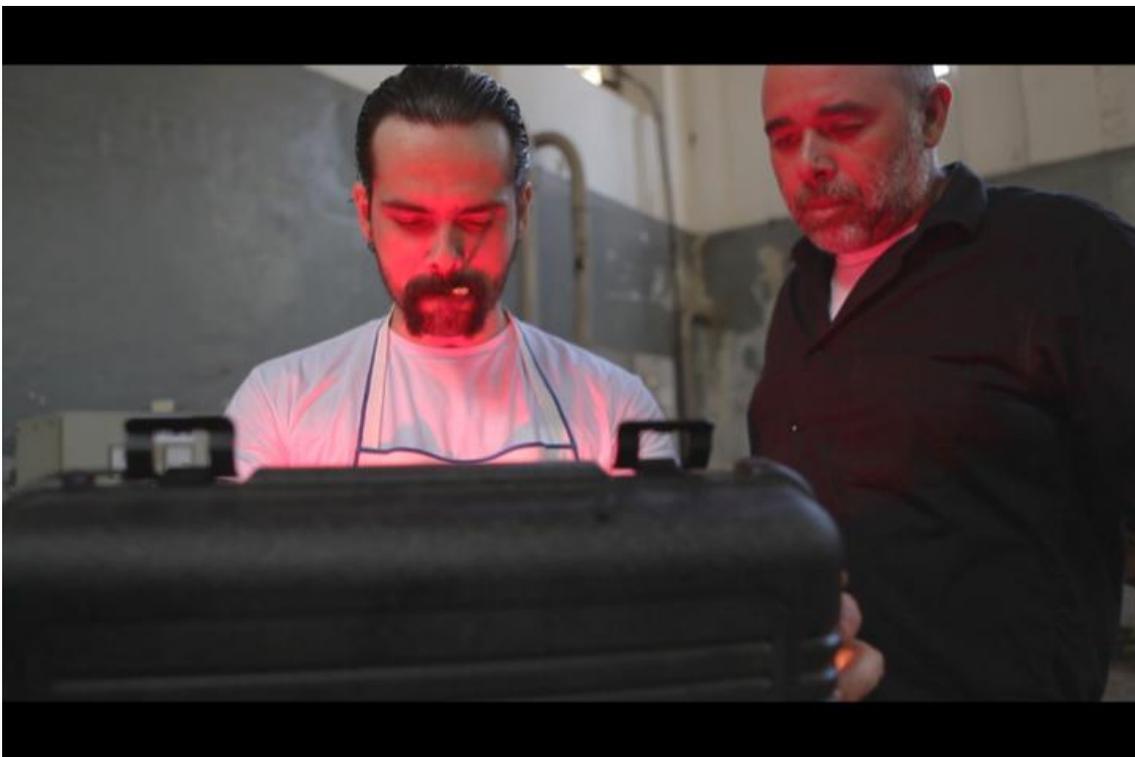
*Figura 10 -Lex Talionis – João Paulo Palitot*

Sobre a cena da maleta, na **Figura 12**, em que ao abrir uma luz vermelha reflete na cara do ator Daniel Porpino, que faz o açougueiro, é uma clara homenagem ao filme

“Pulp Fiction”, de Quentin Tarantino, na cena em que John Travolta abre a mala com um conteúdo não revelado durante todo o filme - como vemos na **Figura 11**. Para esse efeito utilizamos uma Sun Gun com um filtro vermelho, que funciona a bateria sendo possível esconder o mesmo dentro da mala.



*Figura 11- Pulp Fiction – Quentin Tarantino*



*Figura 12 - Lex Talionis – João Paulo Palitot*

A cena da tortura é outra que foi pensada em homenagem ao primeiro grande filme de Tarantino, “Cães de Aluguel”. A sequência consiste em uma tortura contra um policial num galpão abandonado. Na obra tarantinesca, na **Figura 13**, o personagem de Michael Madsen faz um dos ladrões que tentou roubar uma loja de diamantes. Com uma música suave, uma dança estranha e uma navalha, ele causa cortes profundos no policial amarrado a cadeira. Na **figura 14**, temos o ator Omar Brito que é o responsável pra descobrir quem é o traidor. De uma maneira nada sutil, ele prefere a força bruta, que danças e navalhas.



*Figura 13 -Reservoir Dogs – Quentin Tarantino*



*Figura 14- Lex Talionis – João Paulo Palitot*

### **3.2. Discussão sobre o Dispositivo**

A primeira apresentação pública de cinema aconteceu no dia 28 de dezembro de 1895, em uma exposição no Salão Grand Café, em Paris. Os irmãos franceses Louis e Auguste Lumière mostraram ao público pequenos filmes em preto e branco, sem som e capturados com uma câmara parada. O público, então, tomou um susto com a semelhança da representação do cotidiano. Para Bernardet (1980), a impressão da realidade, foi a grande base para o sucesso do cinema.

Desde o seu surgimento no século XIX, quando sua linguagem era simples, representada através de cenas do cotidiano, o cinema sofreu grandes alterações, que vão do cinema mudo ao da ficção de animação gráfica. Ganhou status de Sétima Arte e segundo Morin (1984), hoje se tornou um produto de cultura de massa. A cultura de massa utiliza-se da indústria cultural para sua consolidação. Ela produz lucros com base no consumo e venda dos produtos culturais. Ainda de acordo com o autor supracitado

As invenções técnicas foram necessárias para que a cultura industrial se tornasse possível. Essas técnicas foram utilizadas com freqüente surpresa de seus inventores. Não há dúvidas de que, sem o impulso prodigioso do espírito capitalista, essas invenções não teriam um desenvolvimento tão radical e maciçamente tão orientado (MORIN, 1984, p 22).

Dentro de um filme, observamos a interação de vários gêneros. Um exemplo disso é o filme de ficção científica, “O Homem da Terra”, de Richard Schenkman, onde um personagem assume para os seus amigos que já vive há mais de três mil anos e, conseqüentemente, já viveu várias histórias de vida, sendo até em uma delas Jesus Cristo. Nisso tiramos a prova real que dentro do cinema existe drama, romance ou, até mesmo, terror.

No cinema também identificamos interações entre classes sociais, o que faz reunir num mesmo ambiente, diversos espectadores. Como apresenta Morin (1984, p.42): “(...) a nova cultura se inscreve no complexo sociológico constituído pela economia capitalista, a democratização do consumo, a formação e o desenvolvimento do novo salariado, a progressão de determinados valores”.

Desde o seu surgimento, o cinema fez parceria com o comércio para se manter, mas as experimentações cinematográficas e artísticas não deixaram de existir. Um exemplo disso é que a partir da segunda metade do século XX as pessoas começaram a fazer delas mesmas produtoras de arte. Nesse contexto, surge a *Pop Art*, movimento artístico que mostrou através da massificação da cultura capitalista a crise artística que se assolava na época.



## **4. OBJETIVOS**

### 4.1. Objetivo Geral

- Realizar um filme curta metragem de ficção no gênero thriller.

### 4.2. Objetivos Específicos

- Contribuir para o entendimento das relações entre o cinema e a comunicação;
- Abordar a violência na linguagem audiovisual;
- Utilizar conceitos da Estética Kitsch na produção do filme;
- Entender o cinema como produto cultural e de massa;
- Utilizar a edição rítmica de Eisenstein como artifício diferencial do produto audiovisual.

## 5. METODOLOGIA

A criação de um planejamento específico seguido durante a execução dessa pesquisa foi de fundamental importância para que todas as fases da criação do curta-metragem fossem cumpridas dentro dos espaços pré-determinados. O trabalho foi dividido em três etapas, que se subdividiram em pré-produção, produção e pós-produção.

Na fase da pré-produção, através de ligações telefônicas e encontros presenciais foi definido o roteiro, a equipe que trabalharia na gravação do curta, o *storyboard*, as locações, os testes com os efeitos especiais, a compra dos materiais para a direção de arte e a confecção dos figurinos.

Na segunda etapa, a produção, aconteceram os registros das imagens e a captura de som. Processo esse, que durou três dias. As gravações aconteceram a partir das 07h00 e duraram até às 22h00, no primeiro dia. No segundo dia, começaram às 08h00 e se estenderam até as 17h00 e no terceiro das 09h00 às 16h00.

Na pós-produção, foi feita a edição do material coletado. Um primeiro corte foi elaborado e a partir daí a trilha sonora original começou a ser desenvolvida. Com a sonorização feita, foi dado início aos efeitos de edição e a criação das legendas para o filme. Durante todas as fases do processo de pesquisa, produção e pós-produção do curta-metragem, o relatório final foi desenvolvido. Foram feitas várias pesquisas através de livros para sabermos como melhor desenvolver as cenas pretendidas no filme.

### 5.1 Roteiro

O roteiro do curta metragem é original e conta a história de uma mulher que assume a identidade falsa de uma prostituta para se infiltrar no mundo do crime e executar a sua vingança. Ela planeja matar um poderoso homem, mandante do crime que resultou na morte de um ente querido. Durante o desenvolver da trama, a personagem contará com a ajuda de seu amante e assassino de aluguel.

O modelo do formato para o roteiro do curta metragem foi o “master scenes”, aprendido em sala de aula através das disciplinas “Roteiro I” e “Roteiro II”, atualmente bastante utilizado tanto em cinema quanto em televisão. O formato é prático, formado por

cenar e cada uma delas com espaço específico para cada informação. Com este formato, destacamos a facilidade da visualização das cenas.

Aconteceram três tratamentos. Na primeira versão do roteiro, existia mais um personagem que participaria da cena onde acontece a tortura, mas como seria um custo a mais no orçamento do filme e não faria diferença no enredo, resolvemos descartá-lo. No segundo tratamento, tiramos um objeto na cena, uma cama oval, já que para consegui-la também gastaríamos muito. Então resolvemos optar por um sofá, que inclusive tinha no local da locação, no lugar dela. O terceiro tratamento se deu na hora das gravações. Observamos novos quadros e resolvemos testá-los. Como vimos que deram certo, resolvemos utilizá-los como forma de inovar e improvisar no roteiro.

O storyboard foi criado pelo artista Igor Tadeu, que trabalha com design gráfico há mais de dez anos, tendo dois livros lançados, como o “Coletivo Wc” e o “One Hit Wonders”, que é uma compilação de várias tirinhas que ele faz no dia a dia, sobre situações inusitadas e cotidianas. Como amigo do diretor, ele também fez todo o trabalho gráfico do filme, tendo feito a logomarca do curta metragem, o cartaz para lançamento e a capa para o DVD.

A escolha de locações foi um dos grandes trabalhos dessa produção. A casa utilizada para a cena da Chefe, foi de uma amiga em comum da produção, que estava totalmente fora de uso, com paredes arranhadas e esburacadas além de poeira acumulada há mais de três anos. Fizemos uma reunião com amigos da produção para uma limpeza completa do local. Após isso, trabalhamos na direção de arte. Para se ter ideia, foi necessário comprar mais de sete metros de pano branco para cobrir uma parede com buracos, já que era uma saída mais fácil e econômica, que mandar consertar todo o reboco.

Outra locação que deu trabalho foi a da parte da tortura, pois o melhor local que encontramos foi no jardim botânico de João Pessoa. Como local pertence a Cagepa e possui muito barulho de motores funcionando, que não podem parar em momento algum, fomos atrás da Sudema, que é responsável por toda a área do Jardim Botânico, e conseguimos autorização. Faltando poucos dias para a gravação no local, resolvemos confirmar com a Sudema e descobrimos que precisaríamos também de uma autorização da Cagepa. De imediato, entramos com um processo para pedir autorização de uso, que voltou para nós por falta de detalhamento no local. Faltando dois dias para a gravação, mandamos outro processo, dessa vez correto e, logo no dia seguinte, conseguimos a autorização de uso. Como uma integrante da equipe técnica, a assistente de fotografia, Carine Fiuza, trabalha no

Jardim Botânico, conseguimos uma sala segura para deixar equipamentos e fazer as refeições. Tudo funcionou perfeitamente.

Um local que não saiu como o planejado no roteiro foi o matadouro, em que o personagem do açougueiro recebe uma ligação enquanto está trabalhando. Tentamos dois matadouros conhecidos na cidade, mas nenhum deu resposta afirmativa para uso de suas locações. Por último, encontramos um açougue no mercado central de Mangabeira. Depois de falar com o dono e termos uma resposta afirmativa, procuramos a gerencia do mercado central para não ter problemas durante as gravações. Em três tentativas, não encontramos ninguém na gerencias do mercado. Mesmo assim, gravamos tudo numa tarde, sem problemas, e com todo auxilio do dono do Açougue Mix.

A locação final foi a fábrica Matarazzo, que está abandonada há muitos anos e que em momentos passados, já fizemos trabalhos em suas locações. Com vários ambientes, podemos facilmente transformar suas salas em locais para torturas ficcionais. A Matarazzo serviu como base de saída e chegada do Açougueiro, simulando dois locais completamente diferentes, além de ser o local onde começa o filme com a Irma da prostituta morta.

## **5.2 Diário de Gravação**

Dia 27 (Domingo) – Primeiro dia de gravações do curta “Lex Talionis”. Acordamos muito cedo, por volta das 06:00, tomamos café reforçado e fomos pegar a atriz Jana Araújo no bairro da Torre. Em seguida pegamos o ator Thiago Roese nas mediações do colégio Motiva, no bairro de Tambaú. Chegamos ao local de gravação, onde esperamos chegar o restante da equipe, Marcelo Quixaba, Carine Fiuza foram os primeiros da equipe técnica. Cecilia Retamoza a atriz já estava no local e se preparando para ser maquiada. Enquanto as atrizes se preparavam para os personagens, a equipe técnica fez várias alterações na parte de direção de arte da sala principal. Estava faltando mais composição segundo M. Quixaba. Para solucionar o problema foi encontrada uma mesinha cor de madeira com algumas bebidas para enfeitar. Para o outro canto da sala a solução foi um mostruário de madeira com artefato de caça dentro.

Após os ajustes de arte, foi a vez dos ajustes na iluminação. Desde o dia 25 já estava com a iluminação preparada, mas ao colocar as atrizes em cena, ficou faltando uma contra-luz na personagem de Jana Araújo. Foi preciso diminuir a força de luz no abajur

vermelho para que ele não estourasse e perdesse dados de imagem na gravação. A solução foi abrir o abajur e colocar um difusor na lâmpada de 15 watts que ele possuía.

O contraluz foi resolvido com uma lâmpada LED, onde aplicamos um filtro vermelho para compor a cena. As gravações começaram aproximadamente às 13:00 horas. A cena do strip-tease foi a primeira a ser feita, para ajudar na atuação contamos com uma seleção de músicas mais dançantes que fizeram parte de filmes de Tarantino. “Down in Mexico” foi uma das músicas escolhidas.

Após alguns takes e gravações extras de outros planos da dança estávamos pronto para a cena em que Thiago Roesse serve um drink para Jana e leva um tapa. O ator acabou levando algumas tapas reais, o mesmo pediu com veracidade, porque acreditava que não iria conseguir fingir.

Em seguida, fomos para a cena que usamos o *plongée*, utilizando a grua que foi emprestada pela empresa 3EFE. Essa cena requeria muito trabalho de foco seletivo e foi a que mais deu trabalho no primeiro dia, já que mesmo com o *follow focus* para auxiliar no controle de foco era preciso que a atriz colocasse o celular bem próximo ou exatamente no lugar que havia sido marcado o foco.

Ao finalizar essa gravação, depois de vários takes de erros, nos preparamos para filmar o efeito especial que é a parte que Cecília arranca o pênis do chefe. A preparação dos efeitos foi rápida, sem muito trabalho, mas foram realizados ensaios prévios com a maquiagem. Depois de algum tempo ensaiando a maquiagem soltou, sendo necessário refazer a mesma.

Depois de refeita a maquiagem, começamos as gravações onde no primeiro take aparece rapidamente um pedaço do equipamento de efeito especial. Fizemos outro take que acabou sendo o ideal. A parte de assassinato, onde Cecília retira um objeto pontiagudo do cabelo e acerta no pescoço de Jana, foi rápido para filmar, já que não possuíamos outra vestimenta igual para teste ou para refazer a cena. Felizmente funcionou na primeira situação, sendo necessário alguns planos mais fechados de reserva que foram feitos em poucos minutos.

Após acabar a gravação com as atrizes na sala, nos dirigimos ao lado de fora onde seria rodado o plano de saída de Cecília Retamoza. Um problema era que já estava de noite e se a luz usada seria para simular o dia ou usar a cor vermelha que predomina durante todo o filme. João Paulo Palitot decidiu por utilizar o vermelho e manter a continuidade que havia dentro da sala que fora filmado anteriormente. A cena foi rápida e só foram

necessários dois takes de cada plano. Esse tempo foi o ideal para ir mudando a arte do quarto onde seria filmado a parte de Thiago Roesse.

Voltamos para a sala onde seria filmado o bar da casa. Thiago Roesse faz o garçom excêntrico que prepara para seu chefe uma bebida diferente. Utilizamos um slider para dar mais movimento a cena e um super close da preparação do drink. Gravamos rapidamente a cena, utilizando uma luz difusa dentro e dois spots de luz de 650watts cada por trás do vidro, simulando uma luz de dia forte. Com a mesma iluminação, gravamos a cena que Thiago liga para o pai do chefe, que agora está morto. Com uma lente grande angular e uma mais fechada gravamos dois takes de cada plano, finalizando as gravações com Thiago rapidamente.

Para finalizar as gravações do dia, voltamos para o local do começo do dia, só que com uma cadeira de madeira invés da poltrona preta e o ator dessa vez foi Wagner Spagnul que fez o pai da chefe, com uma luz pontual vermelha e uma câmera sempre em close. Para não mostrar muito detalhe fizemos a gravação muito rápido, com Wagner simulando atender o telefone e falar com o Garçom da casa de seu filho(a). As gravações foram finalizadas as 01:00 da madrugada. Recolhemos os materiais, organizamos o que iria ser levado para o outro dia de gravação e partimos.

O almoço e janta não tiveram uma hora para parada obrigatória, ficando a cargo de cada participante ir se alimentar na hora disponível.

Dia 28 – Segundo dia de gravações. Acordamos às 07h e partimos após o café da manhã para pegar Diógenes, que faz parte da produção. Seguimos para o local de gravação, que foi no Jardim Botânico de João Pessoa, na parte da Cagepa. Ao chegar no local já se encontrava por lá o ator Vitor Blahm, que faz o personagem do torturado. Daniel Porpino, que faz o açougueiro, chegou em seguida e Omar, que atua como o torturador, acabou indo para o Ibama que é ao lado, mas logo depois indicamos o lugar certo.

Carine Fiuza, que fez a assistência de câmera e também trabalha no Jardim Botânico, acabou conseguindo um local de apoio com ar-condicionado e segurança para manter os equipamentos. Começamos as gravações por volta das 11h da manhã. Vitor se mostrou um ator preparadíssimo por se manter preso na cadeira do personagem durante quase todo o processo de gravação. Desde o começo da gravação era preciso manter o ator com sangue no rosto, que simulava a tortura que estava sendo cometida. O sangue falso foi feito durante o tempo que era preparado o cenário. Para o sangue, utilizamos corante de

caramelo, chocolate em pó e corante vermelho até chegar a cor ideal. Como já havia sido feito um ensaio com os atores alguns dias antes, a gravação fluiu muito rápida e prazerosa.

Dia 29 – Terça-feira, último dia de gravações da primeira bateria. As cenas da terça ficaram reservadas para a gravação de todas as imagens extras com o açougueiro, personagem do ator Daniel Porpino. O carro utilizado foi um Opala vermelho, bastante conhecido na cidade de João Pessoa por fazer parte de várias fotos do grupo “Os Caronas do Opala”. Fernando, dono do carro, emprestou o veículo pedindo apenas o pagamento da gasolina gasta durante as filmagens. Começamos a filmar após pegar a equipe técnica, ator e o carro. Primeiramente filmamos na fábrica Matarazo, onde fizemos as cenas de saída e chegada do açougueiro ao local de tortura. Após uma parada pra almoço no Pub Espaço Mundo, seguimos para a estrada, caminho de Natal (RN), onde fizemos takes do carro e internas do carro com Daniel Dirigindo.

Ocorreu um problema na chegada de João Pessoa, o Opala ficou sem gasolina, pois não havia como abastecer o carro, já que a chave do tanque havia ficado com o dono do veículo. Solucionamos o problema ao chamar Adonias, integrante da equipe de gravação, com um pouco de gasolina e Fernando com a chave do carro. Feito isso, seguimos para outra locação, já que não podíamos perder tempo e havia horário determinado para terminar de gravar.

A última locação foi o açougue onde Daniel recebe o telefonema para ir ao local da tortura. Gravamos no Mercado Municipal de Mangabeira, no açougue de Adeildo, que cedeu o estabelecimento para gravar. A gravação foi rápida e sem problemas. O local era bem iluminado não foi preciso montar set de luz. Compramos aproximadamente um quilo de carne para fazer parte da cena e Daniel aprendeu rapidamente os trejeitos de corte de um açougueiro com as dicas de Adeildo.

Após filmar alguns takes demos por encerrado essa parte da gravação. Ficando faltando apenas os três planos iniciais do filme.

Dia 30 – Ao reunir todas as imagens captadas e sons gravados, organizamos tudo em uma pasta para facilitar a edição do filme. O computador de edição acabou queimando a placa-mãe, fonte e memória, necessitando ficar parado para conserto durante uma semana. Atrasando o cronograma de primeiro corte do filme, que auxiliaria na construção da trilha sonora por parte da banda Mustache On Fire.

### 5.3 Diário de edição/finalização

Para realizarmos a edição do curta metragem foi utilizado a plataforma PC, com o sistema operacional Windows 2007. A configuração da máquina foi processador intelcore I7, memória de 8gb DDR3, HD de 1 Tera com mais um reserva de 320GB com as imagens do filme.

O software utilizado para edição foi da Adobe Premiere, sendo finalizado no Adobe After Effects. A edição foi inicializada logo após o conserto do PC. O primeiro corte serviu para a banda Mustache on Fire começar a trabalhar na composição da trilha sonora que preenche o filme. Após terminar o primeiro corte e cortar algumas imagens sobressalentes, começamos a editar no after effects, inserindo os efeitos para envelhecimento da imagem. Com um estudo visual e estético do filme Planeta Terror, descobrimos na internet um produto visual que possivelmente foi o mesmo utilizado para produzir o efeito no filme. O produto é o Artbeats – Film Cluster, que nada mais é que várias imagens filmadas de películas velhas e com defeitos e alguns truques de filmes queimando, que ao ser adicionado na imagem gravada irá parecer que está envelhecida e com defeito.

Como os vídeos do Artbeats eram poucos, com o efeito desejado, encontramos uma média de 20 a 25 vídeos para usarmos no curta-metragem. Escolhemos utilizar o plugin do after effects Aged Film, que dá opções de escolha para deixar o vídeo com ruídos, falhas verticais e borrões de película envelhecida.

A música foi inserida após a gravação e masterização no estúdio Mardito Discos, que contou com a produção musical de Bruno Alves.

## 6. CRONOGRAMA

ETAPAS	MESES					
	Novembro 2012	Dezembro 2012	Janeiro 2013	Fevereiro 2013	Março 2013	Abril 2013
Pesquisa bibliográfica	■	■	■	■		
Elaboração do roteiro	■	■				
Produção da Ficção	■	■	■	■		
Gravação Vídeo e Áudio			■	■	■	■
Edição do material				■	■	■
Elaboração do relatório final	■	■	■	■	■	■

## 7. REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

BERNARDET, Jean Claude. **O que é cinema**. 2<sup>o</sup>ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

EISENSTEIN, Sergei. **O Sentido do Filme**. Editora Zahar, 1928.

EISENSTEIN, Sergei. **A Forma do Filme**. Editora Zahar, 1949.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX**: o espírito do tempo – I neurose. 6<sup>o</sup>ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984. V.1